

SEXO ORAL COM LÍNGUAS DE FOGO: DESCOLONIZANDO HISTÓRIAS SEXUAIS

Ana Ester Pádua Freire

Doutora e mestra em Ciências da Religião pela PUC Minas. anaesterbh@gmail.com.

Resumo

O objetivo de minha comunicação é apresentar o conceito de “sexo oral” da teóloga indecente Marcella Althaus-Reid. Para ela, sexo oral implica em re/contar histórias sexuais que transgridam o padrão heteronormativo do cristianismo tradicional e hegemônico. O sexo oral faz parte de sua proposta teológica dos relatos sexuais, que, por um lado, reforça o papel da oralidade na tradição cristã, e, por outro, cria mecanismos baseados no cotidiano para possibilitar outras compreensões do Sagrado. Meu método de pesquisa se baseia no próprio sexo oral althaus-reidiano, pois, ao narrar seu conceito com ênfase nas experiências religiosas e sexuais acabo “fazendo um 69” com a teóloga, no qual conto sua história e ela re/conta a minha.

Palavras-chave: Marcella Althaus-Reid, Teologia Indecente, Teologia Queer, Oralidade.

Preliminares

*Sugar e ser sugado pelo amor
no mesmo instante boca milvalente
o corpo dois em um o gozo pleno
que não pertence a mim nem te pertence
um gozo de fusão difusa transfusão
o lambar o chupar e ser chupado
no mesmo espasmo
é tudo boca boca boca boca
sessenta e nove vezes boquilíngua
(Carlos Drummond de Andrade)*

Nunca tinha gozado com um 69... até conhecer Marcella¹. Marcella Althaus-Reid, segundo Córdova Quero (2014), é a “santa de uma espiritualidade sexualmente encarnada”. De acordo com o *LGBTQ Religious Archives Network* (2019), Marcella nasceu em Rosário, na Argentina, em 1952, e é a principal teóloga queer latino-americana reconhecida pela sua proposta teológica indecente. Graduada em teologia, pelo *Instituto Superior Evangelico de Estudos Teologicos*, em Buenos Aires, faleceu em 2009, trabalhando na Universidade de Edimburgo, como professora de Teologia Contextual. Ela tem importantes publicações sobre a temática queer no contexto teológico cristão, dentre elas destaco *Indecent Theology* (2000) e *The Queer God* (2003), este já traduzido e publicado em português.

Não conheci Marcella. Não existe quase nada disponível sobre ela, poucas fotos e nenhum vídeo para ser mais exata. Para conhecê-la foi preciso ouvir as pessoas que a conheceram descrevendo-a. Em 2019, participei de um seminário em Winchester, no Reino Unido, em sua memória. Lá, sua amiga íntima, Lisa Isherwood, com quem publicou três livros, contou que Marcella era pequena, magra, mas quando chegava sua presença preenchia o local. Seus cabelos sempre esvoaçados cobriam parte de seu rosto. André Musskopf, no prefácio do livro *Deus Queer*, conta que encontrou com Marcella em três oportunidades. “Em todas elas havia uma aura de admiração e encanto pela leitura de seus textos e por algumas lendas que circundavam (e

1 Aqui vou tratá-la assim, como Marcella, pois o exercício do uso de seu primeiro nome evoca a intimidade que o “sexo oral” pressupõe.

ainda circundam)” (MUSSKOPF *in* ALTHAUS-REID, 2019, prefácio). Ah, essas lendas.

Ainda tentando me aproximar de uma imagem física de Marcella, lanço mão de um artigo de Graham McGeoh, que foi orientando de Marcella, e fez uma descrição quase erótica de sua presença na universidade.

No corredor do New College, Universidade de Edimburgo, o escritório de Marcella era uma sala espaçosa no topo do primeiro lance de escada. Era a primeira porta à direita no caminho para Martin Hall. Marcella sempre encontraria com você na porta. Seu perfume enchia o vestíbulo ao entrar no New College vindo do quadrilátero austero pelo qual a estátua de John Knox zela. Seu escritório estava cheio de livros e cores latino-americanas, contrastando nitidamente com o granito cinza que a rodeava. Seu som, visão e cheiro pareciam provocar Knox e seu legado. (MCGEOH, 2018, tradução nossa²).

Esse quase nada sobre a teóloga só instiga a minha imaginação. Mergulhar em sua produção é tentar ouvir essa voz que nunca ouvi, é tentar sentir esse perfume que não me chega as narinas e é tentar ver esse corpo que toco ao me tocar. Minha aproximação com a autora passa por esse princípio sagrado que é a imaginação. Ressalto que, um dos conceitos com os quais Marcella trabalha é, justamente, o “princípio da imaginação teológica” (ALTHAUS-REID, 2005), que tem por objetivo provocar rupturas nas identificações imaginativas do que é tradicionalmente naturalizado.

Imaginando Marcella acabo por reimaginar minha própria teologia, porque a sua obra me toca de tal maneira que ao me aproximar de seus textos nunca saio seca. Afinal, Marcella transborda. Entre líquidos, viscos e fluidos, esta comunicação se propõe a falar e provocar saliva, este lubrificante que escorre pelo canto da boca.

2 *In the corridor at New College, Edinburgh University, Marcella's office was a spacious room at the top of the first flight of stairs. It was the first door on the right on the way to Martin Hall. However, Marcella always met you at the door. Her perfume filled the vestibule on entering New College from the austere quadrangle which John Knox's statue watches over. Her room was full of books and colores latinoamericanos, sharply contrasting the grey granite surrounding her. Her sound, sight and smell seemed to provoke Knox and his legacy.*

Oralidade

Não é desconhecido o papel da oralidade na tradição judaico-cristã. O que se apresenta como texto sagrado é, justamente, a transcrição de histórias orais. David M. Carr e Colleen M. Conway explicam que “as primeiras tradições do antigo Israel, quaisquer que fossem, evoluíram em sua jornada através dos séculos do segundo milênio, passando de lábios para outros lábios” (CARR; CONWAY, 2010, p. 38-39, tradução nossa)³. Se assim se dá o processo de manutenção das tradições no antigo Israel, em relação ao segundo testamento, Marcella (2000) explica que os evangelhos bíblicos lançam mão de dispositivos narrativos orais e escritos, imagens e representações. E mais,

[...] na teologia cristã, a Palavra de Deus escrita nunca foi a única fonte de autoridade suprema. A palavra escrita foi subordinada à oralidade. No processo de escrever as Escrituras, a experiência das pessoas, manifestada em relatos orais, tem sido uma chave hermenêutica na busca por um texto final, que em última análise é difícil de produzir (Croatto 1973: 29-31). Em níveis institucionais, por exemplo, esse processo tende a desaparecer se os sermões e documentos da igreja forem produzidos como epístolas (cartas) para serem lidas (ouvidas), excluindo qualquer diálogo com eles. (ALTHAUS-REID, 2000, p. 158, tradução nossa⁴).

A oralidade apontada pela teóloga pressupõe um fundamento dialogal. O que se é dito não são “palavras ao vento”, mas sim uma abertura ao diálogo e ao reconhecimento da dignidade humana. Pois, se Deus é o Verbo (Palavra), conforme o evangelho de João 1, 1 “No

3 *The early traditions of ancient Israel, whatever they were, evolved in their journey across the centuries of the second millennium, passing from one set of lips to another.*

4 *[...] in Christian theology, the written Word of God has never been the only source of ultimate authority. The written Word has been subordinated to Orality. In the process of writing the Scriptures, people's experience, manifested in oral accounts, has been a hermeneutical key in the search for a final text, which ultimately is difficult to produce (Croatto 1973:29-31). At institutional levels, for instance, this process tends to disappear if sermons and church documents are produced as epistles (letters) to be read (heard) excluding any dialogue with them.*

princípio era o Verbo”, a autoridade final é da palavra dita (cf. Gênesis 1, 3⁵) e não das escrituras.

Partindo, então, da importância da oralidade para a tradição cristã e, portanto, para a produção teológica, Marcella se pergunta pelas histórias sexuais que são contadas. De acordo com Marcella e Lisa Isherwood, Teologia Queer é “uma forma radical de se ‘falar sobre amor na teologia’, isto é, uma teologia que introduz um questionamento profundo sobre os caminhos do amor em nossas vidas como indivíduos e como sociedade, e as coisas que o amor pode fazer em nosso mundo” (ALTHAUS-REID; ISHERWOOD, 2007, p. 303, tradução nossa⁶). E completam,

usando uma perspectiva da Teologia Queer, podemos dizer que refletir teologicamente é sempre uma atividade feita com um pressuposto de amor. Falar de teologia é falar de um estilo de relacionamento amoroso. Temas teológicos são temas de amor, mesmo que talvez tenha sido obscurecido por séculos de uso de uma terminologia que pode ter perdido sua transparência original. (ALTHAUS-REID; ISHERWOOD, 2007, p. 303, tradução nossa⁷).

Mas, somente a Teologia Queer fala de amor – e aqui friso, amor erótico? Não, pois, para Marcella (2000), *toda* teologia é um ato sexual. Isso quer dizer que, ainda que não se afirmando sexual, a teologia traz em si uma ortodoxia cis/heterossexual que, por ser dogma, se diviniza. Afinal de contas, “a teologia não é inócua nem inocente nem neutra de um ponto de vista sexual” (ALTHAUS-REID, 2005, p. 127, tradução nossa⁹). A questão que se coloca, então, é: se a teologia cristã hegemônica também fala de amor, quais são as histórias de amor que ela não conta?

5 Gênesis 1, 3 “Deus disse: ‘Haja luz’, e houve luz”.

6 *a radical form of the ‘love-talk of theology’, that is, a theology which introduces a profound questioning into the ways of love in our lives as individuals and as society, and the things love can do in our world.*

7 *Using a perspective from Queer Theology, we may say that to reflect theologically is always an activity done with a presupposition of love. To talk theology is to talk about a loving style of relationship. Theological themes are themes of love, even if perhaps this has been obscured by centuries of using a terminology which may have lost their original transparency.*

As histórias sexuais não-oralizadas do cristianismo hegemônico são aquelas vividas por dissidentes sexuais e de gênero, que estão à margem, que com seus corpos, seus afetos e seus desejos desafiam as instáveis afirmações da tradicional moral cristã. Para Marcella, ainda que contadas, elas não são ouvidas. E explica: “a marginalidade parece ser de alguma forma a primeira condição para saber se as histórias sexuais são ouvidas ou não. No topo da pirâmide de Rubin, podemos ouvir histórias sexuais contadas em alto e bom som, mas de alguma forma⁸ na parte inferior as histórias são gritadas. A diferença é que elas são ignoradas” (ALTHAUS-REID, 2000, p. 136, tradução nossa⁹).

Marcella faz referência aqui à “pirâmide erótica” proposta por Gayle Rubin. Nessa pirâmide, “heterossexuais maritais e reprodutivos” estão no topo, e abaixo estão “as castas sexuais mais desprezadas que, correntemente, incluem transexuais, travestis, fetichistas, sado-masoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais” (RUBIN, 2012, p. 16). Para Marcella, as vozes que se colocam abaixo da pirâmide não são ouvidas e, por isso, não tomam parte das interações tradicionais hegemônicas. Ela explica que “uma vez que a história ouvida, ela se torna parte de uma palavra social interativa, e negocia seu espaço de significado e significação dentro de uma rede de outras histórias não ouvidas, e a partir disso podem ocorrer ações de transformação e desafio ao *status quo*” (ALTHAUS-REID, 2000, p. 135, tradução nossa¹⁰).

Nesse contexto, a proposta teológica indecente de Marcella, lançando mão de uma oralidade transgressora, resgata histórias não contadas, como explica Musskopf (2008, p. 209):

Marcella Althaus-Reid reconhece uma tradição de histórias sexuais subversivas vividas na América Latina que sobrevivem apesar dos séculos de colonialismo no continente, bem como práticas atuais das

8 [...] *la teología no es nunca inocua ni inocente ni neutra desde el punto de vista sexual.*

9 *Marginality seems to be somehow the first condition of whether sexual stories are heard or not. At the top of Rubin's pyramid we can hear sexual stories told loudly and clearly, but somehow at the bottom the stories are shouted. The difference is that they are ignored.*

10 *once the story is heard, it becomes part of an interactive social word, and negotiates its space of meaning and signification within a network of other unheard stories, and from that actions for transformation and challenge to the status quo may take place.*

pessoas pobres em contextos urbanos revelam outros arranjos sexuais, políticos e religiosos, invisibilizadas, excluídas ou marginalizadas do círculo hermenêutico teológico por não serem harmonizáveis dentro da ideologia heterossexual dado o seu caráter conflitivo, instável e impuro. Recuperando e dando visibilidade a estas experiências através de diversas fontes, e usando-as num exercício de intertextualidade, elas se revelam como “práticas de ruptura” (disruptive practices) de uma teologia totalitária e tornam-se, assim “práticas redentoras”.

A oralidade se apresenta como instrumento fundamental para as práticas de ruptura, porque as histórias contadas penetram o tecido social provocando as transformações tão necessárias à proposta libertadora do cristianismo compreendido a partir da base da pirâmide. E, se a base (*botton*) se insurge, esse pode ser um curioso caso de *switch* (troca), no qual o *botton* (submisso) troca de lugar com o *top* (dominador)¹¹.

Sexo oral

A oralidade para Marcella tem nome: “sexo oral”. Sexo oral implica em contar as histórias sexuais na teologia. Para ela (2000, p. 134, tradução nossa¹²), “uma história sexual é sempre historicamente sexual, porque histórias sexuais não são componentes de mundos abstratos, mas, estão enraizadas em comunidades políticas e obedecem a condições concretas de produção, limitadas por raça, classe, idade, graus de discurso normativo sexual aceito ou de resistência”. Considerando todas essas interseccionalidades, fazer sexo oral no contexto do cristianismo hegemônico requer uma “garganta profunda”¹³, afinal, o falo do patriarcado por milênios nos foi enfiado goela abaixo.

11 *Botton, top e switch* são terminologias do BDSM (*bondage*, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo).

12 *A sexual story is always historically sexual, because sexual stories are not components of abstract worlds, but they are rooted in political communities and obey concrete conditions of production, limited by race, class, age, degrees of accepted sexual normative discourse or resistance.*

13 Filme. *Deep Throat*, 1972.

Por isso, o sexo oral proposto por Marcella é uma estratégia potente de transgressão das narrativas cis/hetero/centradas. Segundo a teóloga (ALTHAUS-REID, 2000, p. 147, tradução nossa¹⁴), “precisamos considerar seriamente o fato de que o sexo oral com que estamos lidando (a recontagem de histórias sexuais na reunião de comunidades) é que pode construir o Projeto de Libertação do Reino de maneira melhor do que as histórias reprodutivas heterossexuais a que estamos acostumados”. Para Marcella, contar as histórias sexuais de dissidentes sexuais e de gênero é crucial: 1) porque em sua complexidade e diversidade essas histórias desafiam a própria compreensão do Projeto do Reino como sendo uma utopia. Isso porque, a proposta da teóloga compreende o Reino como um projeto de heterotopia, ou seja, a coexistência de diferentes espaços, materialidades e formas de relações sociais; 2) porque Deus é desejo.

Para a teóloga, Deus é desejo, e desejo é um processo social. “Deus é desejo na história e nos acontecimentos da vida cotidiana da sociedade. As histórias sexuais revelam e facilitam a liberação de Deus e do heterotópico (em vez de utópico) Projeto de Libertação do Reino” (ALTHAUS-REID, 2000, p. 148, tradução nossa¹⁵). Nesse sentido, o sexo oral é fundamental para a Teologia Queer ao beijar (e de língua) o desejo como categoria teológica. Afinal, “a Teologia Queer é uma teologia do corpo encarnado que lida com o desejo, mas também com o prazer. E o prazer é, afinal, a encarnação dos desejos” (ALTHAUS-REID; ISHERWOOD, 2007, p. 309, tradução nossa¹⁶).

O sexo oral é, então, uma proposta de descolonização das histórias sexuais que foram - e são - contadas pelo cristianismo tradicional. As histórias de dissidentes sexuais e de gênero se apresentam como narrativas transgressoras das metanarrativas de colonização da América Latina, que constroem sua teologia, sua política e sua economia.

14 *we need to consider seriously the fact that it is oral sex we are dealing with (the retelling of sexual stories in the gathering of communities), which can build the Project of Liberation of the Kingdom better than the heterosexual reproductive stories we are used to.*

15 *God is desire in history and in the events of everyday life in society. Sexual stories unveil and facilitate the coming out of God and the heterotopic (instead of Utopic) Project of Liberation of the Kingdom.*

16 *Queer Theology is an incarnated, body theology which deals with desire, but also pleasure. And pleasure is after all, the incarnation of desires.*

A questão é que as construções políticas e econômicas deste mundo são baseadas na experiência sexual ou na interpretação da experiência sexual. A teologia é, nessa perspectiva, um ato sexual participando da construção ideológica de Deus a partir do discurso idealista do que se supõe ser ir para a cama com Deus, e os discursos de regulamentação e controle baseados em algumas falsificações heterossexuais ou alienações do que é devido a realidade, e às pessoas que vivem sob a ameaça da naturalização da sexualidade ou dos códigos de decência em teologia. (ALTHAUS-REID, 2000, p. 24, tradução nossa¹⁷).

Nesse sentido, o sexo oral diz respeito não somente às nossas histórias sexuais, mas à própria compreensão de Deus, pois a teologia diz respeito a instauração de, como afirmou Marcella, um discurso idealista do que se supõe ser ir para a cama com Deus.

Sexo oral com línguas de fogo

Contar as nossas histórias sexuais pode não ser um sexo fácil, mas o que importa é que seja consentido. Ao contrário de Renato Russo¹⁸, sexo verbal faz meu estilo, porque foi contando a minha história de mulher lésbica e cristã, e percebendo que ela se aproximava de tantas outras histórias, que eu ganhei a confiança que precisava para me permitir o gozo. Utilizando um jargão evangélico, digo que eu também fui “batizada em Pentecostes”¹⁹. Pois, diz assim o texto de Atos dos Apóstolos 2, 1-4:

Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados.

17 *The point is that the political and economic constructions of this world are based on sexual experience, or the interpretation of sexual experience. Theology is from that perspective a sexual act participating in the ideological construction of God from the idealist discourse of what it is supposed to be going to bed with God, and the regulations and control discourses based on some heterosexual falsifications or alienations of what is due to reality, and to the people who live under the threats of the naturalisation of sexuality or decency codes in theology.*

18 Música. Legião Urbana, Eu sei, 1994.

19 Dia litúrgico da tradição cristã que faz memória da descida do Espírito Santo sobre os seguidores de Jesus Cristo.

Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

O Espírito que desceu como pomba (cf. João 1, 32²⁰) também desceu como línguas de fogo (performático ele, não?). Como em uma orgia, as línguas desceram em várias pessoas ao mesmo tempo. Como em um *swing*²¹, houve um troca-troca e as pessoas começaram a falar em outras línguas. À Teologia Queer interessa saber o que essas línguas fazem e falam. Quais são as histórias dentro das comunidades de fé cristãs que não são contadas, que são silenciadas? Aqui está uma das importantes contribuições da Teologia Indecente proposta por Marcella: não sobre inventar histórias – se bem que podemos! – mas sobre contar as histórias que já estão entre nós. Gritando aos quatro cantos, ou sussurrando ao pé do ouvido, as histórias de dissidentes sexuais e de gênero são o vento impetuoso narrado em Pentecostes. Vento que é soprado em um sexo oral feito com bala Halls²², vento que sai como um gemido após um orgasmo. E, principalmente, vento de sopro de alívio após contar um segredo por muito tempo guardado, afinal, como disse a profeta Maya Angelou (2018), “não há agonia maior do que carregar uma história não contada dentro de você”.

Considerações finais

Boca aqui, boca acolá, um lambe lambe sem parar. Povo libidinoso, meu Deus. Melhor oral. Ops, digo, melhor orar. (Charles Canela)

Nunca tinha gozado com um 69... até conhecer Marcella. Assim comecei esta comunicação e assim a termino. Afinal, algumas experiências sexuais devem ser contadas mais de uma vez. Afirmar um 69 com Marcella é reconhecer a importância de sua proposta teológica na minha própria produção teológica. Muitas vezes me percebo sem saber se há alguma originalidade no que produzo, pois seu

20 João 1, 32: “Então João deu o seguinte testemunho: “Eu vi o Espírito descer dos céus como pomba e permanecer sobre ele”.

21 Troca de casais, sexo grupal.

22 É possível o uso de bala de menta na vulva durante o sexo oral para criar uma sensação de “frescor”.

pensamento está tão penetrado em mim que já não sei se sou eu ou ela quem goza. Melhor seria afirmar que ambas gozamos, porque na oralidade do meu sexo continuo tendo Marcella como uma parceira imprescindível para qualquer teologia que se proponha sexual e contra hegemônica.

O sexo oral de Marcella é uma estratégia discursiva nos enfrentamentos aos discursos conservadores que se pautam a partir de uma pretensa “decência” religiosa. Mas, mais do que isso, é um recurso para libertação de experiências de dissidentes sexuais e de gênero e, também, da própria ideia de Deus, pois evoca o poder transgressor das histórias sexuais que constituem tanto o ser humano quanto Deus. O sexo oral é a encarnação do Verbo, pois, a partir do reconhecimento das experiências de transgressão do silenciamento, o grito da angústia torna-se, enfim, o grito do prazer.

Referências

A Bíblia de Jerusalém. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

ALTHAUS-REID, Marcella. *Deus queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, Novos Diálogos, 2019.

ALTHAUS-REID, Marcella. *La teología indecente: perversiones teológicas en sexo, género y política*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.

ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology*. London and New York: Routledge, 2000.

ALTHAUS-REID, Marcella. *The Queer God*. London and New York: Routledge, 2003.

ALTHAUS-REID, Marcella; ISHERWOOD, Lisa. Thinking Theology and Queer Theory. *Feminist Theology*, vol. 15(3). Los Angeles, London, New Delhi and Singapore: Sage Publications, 2007, p. 302-314.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sugar e ser sugado pelo amor. *Escritas.org*. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/3760/sugar-e-ser-sugado-pelo-amor>. Acesso em: 13 abr. 2021.

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Bauru: Astral Cultural, 2018.

CARR, David M.; CONWAY, Colleen M. *An Introduction to The Bible: Sacred Texts and Imperial Contexts*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

CÓRDOVA QUERO, Hugo. Marcella Althaus-Reid: Saint of a sexually embodied spirituality. *Jesus in Love*, 2014. Disponível em: <http://jesusinlove.blogspot.com/2014/02/marcella-althaus-reid-saint-of-sexually.html>. Acesso em: 12 mar. 2019.

LGBTQ Religious Archives Network. *Marcella Althaus-Reid*. Profile. Disponível em: <https://lgbtqreligiousarchives.org/profiles/marcella-althaus-reid>. Acesso em: 17 set. 2019.

MCGEOH, Graham. Pussies Rioting and Indecent Praying: Transforming Orthodoxy in the Company of Marcella Althaus-Reid. *Feminist Theology*. 2018.

MUSSKOPF, A. S. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. 2008. 525 f. Tese (Doutorado em Teologia). Faculdades EST, São Leopoldo, 2008.

RUBIN, Gayle. *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexopdf?seq. Acesso em: 13 abr. 2021.